

CONSIDERAÇÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO HUMANO ATRAVÉS DA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA⁴⁵

Antônio Marcelino Vicenti Rodrigues (UEL/CECA/Departamento de Música e Teatro – UNICAMP/IA/ Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena)

Resumo:

Este artigo busca refletir sobre como os processos artísticos referentes às artes presenciais podem ser abordados em sua interdisciplinaridade perante a interface vida-arte. Considera-se que para além de propositores estéticos, estes processos também podem ser vistos como potencializadores do desenvolvimento humano, que neste trabalho é tomado desde a perspectiva e o desdobramento das interações eu-outro/mundo.

Palavras-chave: *Desenvolvimento Humano; Experiência Estética; Artes Presenciais; Relação Eu-Outro/Mundo.*

Abstract:

This article aims to reflect about how the artistic processes related to the art of presence can be approached in its interdisciplinarity toward the life-art interface. We consider that beyond being aesthetic proposers, these processes can also be seen as a way of potentiate the human development, which in this paper is approached from the perspective and unfolding of the I-other/world interactions.

Keywords: *Human Development; Aesthetic Experience; Art of Presence; I-Other/World Relation.*

⁴⁵ A pesquisa que deu origem ao presente trabalho foi realizada por meio de iniciação científica (2012-2013) com o financiamento da Fundação Araucária (Fundação de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Paraná), sob a orientação da Prof. Dr^a Tereza Margarida Morini Vine, no projeto de pesquisa *Performance e as Poéticas do Objeto*, coordenado pelo Prof. Dr. Fernando Amaral Stratico e vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Estadual de Londrina (PROPPG/UEL).

Toda experiência estética⁴⁶ traz em si aspectos que, de alguma forma, fazem com que o entendimento e a visão do sujeito/artista sobre a vida se ampliem. Com isso, não há a pretensão de afirmar que apenas o trabalho em arte tem a capacidade de promover esse aguçamento em relação às experiências humanas no mundo, mas que pode ser apontado enquanto possibilidade para tal. Nesse sentido, este texto busca pensar as artes presenciais enquanto processos agenciadores da expressão do sujeito no mundo, porém, de maneira a considerá-los não somente como propositores estéticos, mas também como modos do sujeito ser e estar em vida.

Klauss Vianna aponta que, ao mesmo tempo em que se trabalha artisticamente com procedimentos técnicos que visam à conquista de um corpo com características que estão para além das cotidianas, são trabalhadas também a visão de mundo e as relações que o sujeito que se dedica a esses procedimentos, estabelece com a vida (VIANNA, 2008, p. 97). Dessa forma, o trabalho artístico não se encerra na esfera do estético, ele está para além, ele também se revela na elevação da potência de conhecimento do sujeito sobre si mesmo e sobre o outro e o mundo. Como aponta Sampaio (2012, p. 2):

[...] quando um sujeito se aproxima de uma linguagem artística e se dedica a um método/sistema de trabalho, ele está se disponibilizando, ainda que inconscientemente, a um processo de formação pessoal que tem em seu cerne determinada concepção de sujeito e de interação eu/outro/mundo. Assim, ele, o sujeito, ao se disponibilizar a um processo artístico, responsabiliza-se não só pelo alargamento e reestruturação do conceito de criação artística ao qual ele se vincula, como também pelo conceito de sujeito e interação no qual se alicerça a prática criativa da qual ele faz parte, na medida em que pode haver uma eventual reconstrução pessoal na/da relação eu/outro/mundo. Ou seja, acreditamos que esse percurso de correção não só altere os processos e procedimentos de criação do sujeito/artista como também seu campo de ação simbólica sobre o mundo da vida cotidiana.

46 Neste trabalho, a experiência estética é entendida como aquelas experiências que se desdobram a partir da práxis artística, processo no qual o sujeito se (re)inventa momento a momento perante as relações intra e intersubjetivas estabelecidas consigo mesmo, com outro e com o mundo (vida). Essa experiência também se associa ao conhecimento tácito, forma de conhecimento que não está ligada à dimensão simbólica, racional e discursiva e que está contida, em grande proporção, no campo das artes (POLANYI, 1967). No contexto do presente artigo, bem como no do espectro teórico que o subsidia direta e indiretamente, o processo de (re)invenção e (re)criação de si não é concebido como um atributo somente do campo artístico, visto que ele se configura como a vida em si. Nessa acepção, na qual a separação entre vida e arte se configura como um artifício meramente metodológico, o nosso intuito é conceber a experiência estética como uma estilística da existência e não como uma experiência estanque distanciada da vida diária. Nesse sentido, consideramos que todo processo artístico é engajado de escolhas políticas, éticas, morais, etc., já que as experiências vitais do propositor se constituem como base própria para qualquer ato manifesto sob a esfera da vida estética. No entanto, também consideramos o fato de que a (re)invenção de si, via práxis artística, pode reavaliar os modos comportamentais do sujeito na cultura. Não sendo o escopo do presente artigo discorrer sobre o termo, vale apontar ao leitor que esse apanhado puramente sintético tem por base as teorias diretamente abordadas no texto, bem como aquelas que o influenciaram indiretamente, a saber, as da filosofia da diferença; em específico, as elaborações filosóficas de Benedictus de Spinoza (2011), Friedrich Nietzsche (apud GIACCOIA JUNIOR, 2012), Henri Bergson (2006a; 2006b) e Gilles Deleuze & Félix Guatarri (1995-1997; 2010).

Como se pode notar, ao trabalhar sobre si mesmo e dedicar-se à aprendizagem de algum sistema de trabalho artístico, o sujeito/artista não apenas cria em um plano estético, mas inventa e reinventa-se, igualmente, em um plano vital e humano. Nesse sentido, o trabalho artístico de investigação sobre si mesmo abriga alterações no modo de como o sujeito percebe a vida e se relaciona com ela, abarcando novas variáveis comportamentais perante o outro/mundo.

A noção de sujeito que neste texto pretende-se abordar é aquela na qual o sujeito é um construtor de si a partir das interações que estabelece com o outro/mundo. Isto é, uma noção boeschiana, em que:

[...] o sujeito não só constrói seu mundo, mas também experimenta ele, sujeito, suas potencialidades de ação nesse mundo, estruturando seu próprio significado como pessoa, isto é, sua identidade (SIMÃO *apud* SAMPAIO, 2011, p. 71).

Partindo da premissa básica deste trabalho – a de que as posturas intelectuais, racionais e emocionais do sujeito estão intimamente ligadas à sua postura física (VIANNA, 2008) – uma questão faz-se necessária às considerações aqui a serem desenvolvidas, a saber: qual é o papel da afetividade e da cognição no processo de mudança de perspectiva do sujeito em relação ao mundo/vida através de processos artísticos relacionados às artes da presença? Recorramos a António Damásio e Ernst Boesch para, sob as perspectivas neurobiológica e construtivista semiótico-cultural, esclarecer sinteticamente como se dão os processos de percepção, ação e construção da noção de identidade humana a partir das relações eu-outro/mundo.

Damásio (1996, p. 266) considera que os padrões de movimento do corpo no tempo/espço são essenciais às representações que esse corpo cria do mundo via suas capacidades afetivo-cognitivas. Aponta que as emoções se caracterizam como as perturbações que o ambiente gera no corpo, criando, para tanto, estados corporais que se atualizam momento a momento. Já os sentimentos estão ligados à evolução do organismo humano e se definem como a consciência que o organismo em si é capaz de criar em relação a seus estados atuais de/na interação com o ambiente (Damásio, 1996; 2000; 2004). Nessa perspectiva, os sentimentos estão ligados à geração de processos mentais e operacionais que levam o organismo a agir para a satisfação de seus atuais estados de desejo.

Esses processos de percepção e ação, logo conhecimento sobre o outro/mundo, estão ligados diretamente com a criação da noção de identidade do sujeito. Isso se evidencia mais fortemente a partir das proposições de Ernst Boesch, que como visto, aponta que a constituição do eu se dá a partir da interação que o sujeito estabelece com o outro/mundo via seu potencial de ação. De acordo com Boesch, a ação é o meio de o sujeito experimentar subjetivamente o mundo ao mesmo tempo em que ela se configura como o viés pelo qual o sujeito expressa seus modos comportamentais na cultura (cf. SIMÃO, 2010). Temos, para tanto, um ciclo contínuo que se revela do seguinte modo: a interação que o sujeito estabelece com o meio no qual está inserido é a responsável por gerar em si próprio, estados de desejo, os quais farão o sujeito agir em direção a uma meta por meio de suas ações. Estas têm sua gênese em bases afetivo-cognitivas, e ao serem concretizadas

dão ao sujeito a noção do que o é (sentimento de si) e do que não o é (sentimento do outro/mundo) (cf. SIMÃO, 2010).

Ora, tangido tanto pelos processos de formação e trabalho com sistematizações acerca do fazer cênico, quanto pelos atravessamentos da vida cotidiana, faz-se compreender que o artista cênico se inventa e reinventa o tempo todo perante suas vivências, constituindo novas sínteses de si, as quais legitimam modos de agir a partir de relações contextuais.

Nessa perspectiva, as considerações aqui traçadas levam em conta que quando o sujeito dedica-se a um processo de formação que tem em sua gênese processos de (re)estruturação e sensibilização corporal para o trabalho da cena, ele, sujeito, altera sua estrutura anatômica e todos os órgãos do corpo têm de se adequar a uma nova estrutura que começa a se (re)estabelecer. O corpo, com sua estrutura alterada, estabelece diferentes modos comportamentais no tempo/espaço, os quais se configuram como padrões de movimento e/ou como o potencial de ação do sujeito sobre este mundo. Assim, esses novos padrões de movimento que, também, se configuram como ações políticas desenvolvidas no meio cultural, fazem com que o sujeito experimente o mundo de maneira diferente, estabelecendo, para tanto, modificações em suas bases afetivo-cognitivas, as quais serão as responsáveis pela geração de novas sínteses do sujeito em sua relação com o outro/mundo. Ao considerar que tal síntese seja una, somos levados a nos questionar se realmente há uma separação entre o plano da arte e o plano da vida, já que a síntese que o sujeito adquire de si em seu processo de desenvolvimento é a base para sua manifestação tanto no plano da vida cotidiana quanto no plano da vida estética, separação meramente metodológica no contexto do presente trabalho.

Em suma, esse texto considera a hipótese de que os processos artísticos referentes às artes presenciais configuram-se como potencializadores das relações do sujeito para/com o outro/mundo. Em especial, considera-se a modificação da estrutura anatômica do corpo (reestruturação óssea e muscular) como um fator que revela, por meio de sua concretude, que a postura afetivo-cognitiva do sujeito está intrinsecamente ligada à sua postura física. Ora, a (re)estruturação e a sensibilização corporal são capazes revelar o aguçamento das capacidades perceptivas do sujeito, potencializando-as. Isso acarreta diretamente nas formas de ação do sujeito no campo cultural, isto é, em suas formas comportamentais neste meio. Ainda, levando em conta que toda ação em um campo cultural é política, presume-se que o sujeito, ao atuar artisticamente, revela a síntese que adquire na sua relação com o outro/mundo em propostas estéticas.

Referências

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

_____. **Memória e Vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.

DAMÁSIO, António R. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **O mistério da consciência**: do corpo e das emoções ao conhecimento de si. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Em busca de Espinosa**: prazer e dor na ciência dos sentimentos. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Felix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995-1997.

_____. **O que é a filosofia?** 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

GIACCOIA JUNIOR, Oswaldo. **Nietzsche X Kant**: uma disputa permanente a respeito de liberdade, autonomia e dever. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2012.

POLANYI, Michel. **The tacit dimension**. Garden City; New York: Anchor Books: Doubleday, 1967.

SAMPAIO, Juliano C. de C. **Dramaturgias Consensuais**: a interação verbal no ato criativo. Dissertação de mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

_____. O sujeito em criação: do criar e do constituir-se. In: **Anais do I Seminário Internacional de Formação e Capacitação em Cultura**, Salvador, 2012, s/p. (Mimeo).

SIMÃO, Livia M. **Ensaio dialógicos**: compartilhamento e diferença nas relações eu-outro. São Paulo: Hucitec, 2010.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

VIANNA, Klauss. **A Dança**. São Paulo: Summus, 2008.

Antônio Marcelino Vicenti Rodrigues

Ator, pesquisador e iluminador cênico. Possui bacharelado em Artes Cênicas (2013) pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Foi ator-pesquisador da Cia. L2 de Dança-Teatro (2010-2013). Foi professor substituto temporário do Instituto Federal do Paraná – Campus Jacarezinho (2014) nas áreas de Arte e Teatro. Atualmente é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), sob a orientação da Prof. Dr^a Daniela Gatti e com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Tem experiência na área de artes com ênfase em direção e interpretação teatral, conscientização e expressão corporal, e iluminação cênica.